

## **A Eclesiologia de Jürgem Moltmann na Teologia da Esperança**

*Alonso Gonçalves\**

### **Resumo**

A *Teologia da Esperança* do teólogo alemão Jürgem Moltmann, apresenta as funções da igreja para o futuro. Abordando sucintamente suas concepções de igreja num mundo moderno, o artigo pretende explorar a importância histórica da igreja para uma sociedade secular. Não deixando de fazer implicações para a realidade brasileira, o desafio é conciliar a *Teologia da Esperança* com a sociedade, com a igreja e com a teologia.

**Palavras-chave:** Teologia Protestante, Igreja, Religião, Sociedade.

### **Abstract**

The *Theology of Hope* of the German theologian Jürgem Moltmann, has the functions of the church for the future. Addressing, briefly, its ideas of church in the modern world, the article will explore the historical importance and church for a secular society. While making implications for our Brazilian reality, the challenge is to reconcile the *Theology of Hope* with society, the church and theology.

**Keywords:** Theology Protestant, Church, Religion, Society.

### **Introdução**

*[o homem] em forma originária vive voltado  
unicamente para o futuro; o passado chega somente  
mais tarde, e quanto ao presente propriamente dito,  
pode-se dizer que ainda não chegou.*

Ernst Bloch, “*O Princípio Esperança*”<sup>1</sup>

---

\*Pastor da Igreja Batista Memorial em Iporanga/SP – e-mail: pralgoncalves@yahoo.com.br; www.wibmi.blogspot.com

Em uma Europa dilacerada pela Segunda Guerra Mundial, onde fracassa o sonho de uma sociedade madura proclamada pelo *iluminismo*, surgem os *teólogos da esperança* propondo uma nova perspectiva para o futuro dos homens.

Dentro deste tema, teólogos como Wolfhard Pannenberg, Johannes Metz, Edward Schillebeeckx e, principalmente, Jürgen Moltmann, olham para frente e procuram idealizar um futuro mais humano e que coloque Deus e suas promessas no cenário do discurso moderno.

Com sua base teórica no filósofo marxista Ernst Bloch, Moltmann entra em contato com sua principal obra, *O Princípio Esperança*, abrindo um profícuo diálogo com a teologia, principalmente a escatologia como tema central, unificador e metodológico.

A tentativa aqui é, de maneira sucinta, compreender alguns pontos relevantes de sua principal obra, *Teologia da Esperança*, examinando sua eclesiologia e suas implicações para o contexto brasileiro. A igreja desenhada por Moltmann procura cumprir, verbalizar e transformar a realidade social por meio de suas funções e vida. Neste sentido, o tema eclesiológico da *Teologia da Esperança* tem muito a dizer para uma igreja que abarca em seu modo de ser diversas tendências e exclusivismos.

## **1. Igreja: agenciadora do futuro**

Moltmann deixa as interpretações existencialistas (Bultmann, Tillich, Barth, Brunner) para gestar uma teologia que englobe aspectos sociais, políticos e escatológicos ao cristianismo.<sup>2</sup>

Partindo do conceito da *promessa*, que se dá no AT, Moltmann conclui que revelação de Deus se dá na história da promessa. Buscar uma revelação na subjetividade humana, na transcendência, nas provas ontológicas de Deus, na teologia natural e na revelação

---

<sup>1</sup> Citado por: MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia: os filósofos do ocidente*. São Paulo: Paulus, 1981-1983, vol. 3, p. 243.

<sup>2</sup> MONDIN, Battista. *Os Grandes Teólogos do Século Vinte: os teólogos protestantes e ortodoxos*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1979-1980, vol. 2, p. 196.

progressiva – esta por entender que Cristo é seu ponto decisivo – não corresponde à revelação bíblica que se vê no AT e NT.

Com os trabalhos de teólogos exegéticos tanto do AT como do NT, Moltmann procura uma revelação que se distancie da subjetividade e transcendentalidade baseadas na filosofia grega.<sup>3</sup>

É na história que se dá a revelação de Deus, nos atos realizados e nas profecias cumpridas na história. O discurso não é metafísico, mas fatível.

É, ainda mais, com a ressurreição de Jesus Cristo que se inicia a promessa e a abertura para o futuro. A ressurreição é *prolepse* do que será o futuro, mas o futuro não se esgota com a ressurreição, mas antes, confirma antecipadamente a promessa da glória e do senhorio do futuro Reino de Deus.

Como se constrói este futuro? Como e com que se alimenta esta esperança? Moltmann recorre ao que ele chama de *missão*. É aí que se encontram suas concepções eclesiológicas.

Esta abertura para o futuro começa com o comissionamento apostólico da Igreja Primitiva e as aparições do Ressuscitado. Essas aparições “só é compreensível se o próprio Jesus ressuscitado ainda tem um futuro, um futuro universal em favor dos povos da terra”.<sup>4</sup>

A igreja, portanto, é chamada para mediar à presença de Cristo, que por sua vez media o futuro de Deus.<sup>5</sup> Cabe à igreja ser construtora da realidade futura, e não apenas intérpretes da história (como é visto nas concepções milenaristas). À igreja é dada a tarefa de trazer o futuro para o presente.

## 2. As imagens da igreja na sociedade moderna

---

<sup>3</sup> Moltmann abre um debate com Bultmann e Barth sobre a subjetividade e a transcendentalidade como bases revelacionais na sua *Teologia da Esperança*, p. 92-93.

<sup>4</sup> MOLTSMANN, Jürgem. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 100.

<sup>5</sup> ERICKSON, J. Millard. *Opções Contemporâneas na Escatologia*. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 41.

Moltmann não se conforma com a marginalidade da igreja no cenário político-social-religioso. A igreja é a *mediadora do Reino de Deus*, o futuro de Deus. E como tal precisa estar aberta para o diálogo com o homem de hoje.

À teologia cristã não cabe mais trabalhar com conceitos ontológicos e reflexões distantes da realidade humana. Antes, é necessária a transformação do meio vivencial a partir das incumbências do Reino de Deus – único modo de participar do futuro e alimentar a esperança.

No seu sistemático livro, “*A Igreja na Força do Espírito*”, Moltmann define a natureza e as funções da eclesiologia: ela é uma igreja de Cristo, missionária, ecumênica e política.<sup>6</sup>

Battista Mondin relata que numa entrevista aos jornalistas italianos, Moltmann disse que para a maior parte dos fiéis a igreja ainda é um supermercado aonde se vai para fazer compras relacionadas com a vida religiosa.

Na *Teologia da Esperança*<sup>7</sup> ele aponta os estágios em que passou a igreja na sociedade e as novas incumbências que a sociedade espera que ela cumpra.

Com o surgimento da sociedade burguesa e as relações baseadas nas necessidades, o conceito de religião foi emancipado. Outrora, era dada a igreja certas tarefas/funções na sociedade e com o advento do modernismo isso foi suplantado. Vista como coração da sociedade,<sup>8</sup> sustentadora e unificadora de interesses político-social no Império Romano, a igreja era tida como *culto público*, detentora da fé, da moral e da adoração a Deus. Com a chegada da modernidade, ela perde seu ideal moral e unificador e passa a ser um *culto privado*. A religião torna-se *religiosidade individual*. Dando ao indivíduo esta liberdade, a religião torna-se intimista e particularizada. Tem, a partir de agora, uma função<sup>9</sup> consoladora diante da angústia existencial; é sua função dar às pessoas o sentido de existir. Mas essa função ainda é uma marginalização da igreja na sociedade secularizada. Até porque este também não é o papel que a igreja do NT exercia.

---

<sup>6</sup> MONDIN, 1979-1980, p. 201.

<sup>7</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 361-398.

<sup>8</sup> REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. São Paulo: Paulus, 2006, vol. 6, p. 383.

<sup>9</sup> GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 285.

As novas funções eclesiológicas são conseqüências de mudanças econômicas e político-filosóficas, ocorridas nos últimos anos. O século XIX e XX viu o crescimento do consumo e das relações pessoais baseadas nas necessidades. Com isso o homem recorreu à subjetividade como compensação para as tumultuadas relações sociais.

As necessidades subjetivas dão novas formas a igreja:

1) *A igreja-subjetividade*: a cosmologia cedeu lugar à metafísica subjetiva. O salvamento depende da interiorização do transcendente. Há um isolamento social de quem encontra esta *religião subjetiva* e a fé passa a não ter nenhuma conseqüência prática para o próximo. O que conta é o sentimento de eternidade garantida e os desejos, existenciais e de consumo, atendidos.

2) *A igreja-solidariedade*: ligados a pequenos grupos, a igreja funciona como uma arca de Noé. Ela aliena e acrisola as pessoas das situações sociais. A integração a uma igreja é compensatória porque concede privações sociais ao indivíduo que vive em uma sociedade secular. O grupo é fechado em si mesmo e não produz nenhum compromisso social, tornando ineficiente o amor cristão para a sociedade.

3). *A igreja-instituição*: é o retorno do velho jeito Constantino de ser igreja. A este tipo de comunidade cabem as regras, os padrões de comportamentos. Afinal de contas, a igreja-instituição confere segurança em tempos inseguros porque diz em que se crê e como crê. Permite ainda aquela sensação de certeza e de caminho certo, além, é claro, de produzir um sentimento de *agraciado* por estar ali e sentir, ao mesmo tempo, uma leve pena de quem não se encontra no lado de cá da fronteira.

São papéis que a sociedade, no entender de Moltmann, requisita para a igreja. Papéis esses derivados de necessidades ou eventos sociais, mas que não coaduna nem um pouco com o parecer teológico da igreja neotestamentária.

“Se o cristianismo quer e deve ser outra coisa, segundo a vontade de Cristo, em quem crê e a quem espera, deve tentar nada menos do que irromper para fora desses papéis sociais assim fixados”.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 382.

À igreja cabem as funções outorgadas pelo NT, e para isso ela precisa fazer o caminho do êxodo. Deixar estas características solicitadas pela sociedade capitalista e partir para o seu devido desígnio: a colaboração no financiamento do Reino de Deus.

### 3. Igreja: esperança do Reino de Deus

“Deus, a fé e a igreja estão finalmente liberados de suas funções de suplência e podem se apresentar em seu ser genuíno”.<sup>11</sup>

À igreja cabe o resgate da concepção neotestamentária: “uma comunidade na qual o fiel vive continuamente e não ocasionalmente; uma comunidade de fé, esperança e fraternidade que se torna fermento de vida para todo o mundo”.<sup>12</sup>

Para ser fermento de vida, a igreja deve assimilar conscientemente de que ela é a *antecipação*, o *sinal* do Reino de Deus. Jesus, com sua missão e ressurreição, trouxe o Reino de Deus para a história, e a igreja é a sua antecipação. Portanto, ela é o povo do Reino de Deus.<sup>13</sup>

O que isso significa? Ora, para Moltmann a *promessa* gera *missão*; a promessa do Reino de Deus é o fundamento da missão do amor pelo mundo; a missão é a esperança da fé em ação.<sup>14</sup> O seguimento de Cristo implica no serviço ao mundo.<sup>15</sup>

Esta dada a dimensão futurológica da igreja na tarefa missionária quando cada cristão compreende sua função na missão. A esperança do futuro Reino de Deus é tarefa da igreja quando assume concretamente a sociedade em que está inserida, dando um horizonte de esperança, justiça, vida, humanidade. Isso só é possível com a pregação do evangelho (promessas de Deus sobre a nova criação que vem a partir da ressurreição de Cristo).

A missão é a proclamação de uma esperança viva, ativa e apaixonada pelo Reino de Deus e seus valores vivenciados por Jesus conforme os evangelhos.

---

<sup>11</sup> REALE e ANTISERI, 2006, p. 384.

<sup>12</sup> MONDIN, 1979-1980, p. 201.

<sup>13</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 386.

<sup>14</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 202.

<sup>15</sup> GIBELLINI, 1998, p. 284.

Na construção eclesiológica desta missão, o sacerdócio universal dos crentes é evocado quando cada um entende sua *vocação* para o bem do mundo.

### **Conclusão: implicações para o contexto brasileiro**

Para uma conclusão, é necessário fazer algumas pontes desta eclesiologia para o nosso contexto brasileiro. Em nosso país e para a nossa teologia, a eclesiologia do futuro de Moltmann vem somar novos ideais e desafios.

#### *Para a sociedade brasileira*

Em um país subjugado pelo capitalismo selvagem condenado a ser sempre especulativo, mas de terras belas e gente mestiça, a igreja tem a oportunidade de ser mais relevante nas questões sociais. Para um povo em que a “esperança é a última que morre”, a igreja necessita vivenciar a antecipação do Reino de Deus com uma postura que venha sempre favorecer a condição humana. Isso será possível com uma maior participação no processo político do país, onde, de fato, a igreja possa transmitir os fundamentos do Reino de Deus: justiça para todos, amor como base dos relacionamentos, fraternidade para com o desvalido e compaixão com quem sofre para comer o fruto da terra. A este povo festeiro que consegue passar do soluço à gargalhada em minutos, a igreja da esperança traz uma mensagem de que um país melhor é possível, onde a violência possa perder seu espaço para a solidariedade; onde a discriminação e o preconceito para com o índio e o negro possam dar lugar ao acolhimento e a igualdade.

A grande contribuição que a igreja pode dar à sociedade brasileira é a proclamação de que o futuro ainda esta por vir. Um futuro que coadune desenvolvimento econômico com questões sociais; um futuro que inclua no desenvolvimento sustentável a responsabilidade para com o meio ambiente e suas formas de vida; um futuro que coloque Deus como promotor desta esperança e a espiritualidade, com sua diversidade de manifestações, como construtora desta realidade.

#### *Para a igreja brasileira*

Com a proliferação de denominações tidas como *evangélicas*, a igreja se transformou em um grande supermercado religioso. As palavras de Moltmann para os jornalistas italianos

enquadram-se muito bem aqui, onde se encontram os diversos e esdrúxulos segmentos religiosos.

Neste cenário, dominado pelos *neopentecostais*, as práticas e as prédicas são marcadas pela freqüente mercantilização do *Sagrado* e o uso de elementos mágicos com um fim bem claro de manipulação subjetiva e compensação imediata de desejos; o uso da comunicação de massa como ferramenta para construir impérios religiosos; o exclusivismo desavergonhado, reivindicando a verdade do discurso religioso e a atuação do poder de Deus em local e horário definido.

O desafio é urgente. Levar a igreja a ter uma consciência ética e responsável pelo seu contexto social; contar com o comprometimento de todos na *missão* ao mundo, tornando patente o seu plano de amor pelo mundo; incentivar o uso das *vocações* para a transformação da sociedade por meio dos valores do Reino de Deus; procurar ser a *sinalização* da graça de Deus, pois ela é a consciência mais profunda do manifestar de Deus; tornar realidade, nela mesma, a presença amorosa de Deus por meio do cuidado fraterno; alimentar a fé de um mundo melhor por meio da esperança; celebrar a chave do futuro, a ressurreição de Cristo; ser uma igreja que consiga fazer uma leitura do seu contexto com o coração aberto.

#### *Para a teologia*

Moltmann coloca novos paradigmas na escatologia cristã. Ela não é um apêndice no fim dos tratados mais importantes da *Teologia Sistemática*. A escatologia tem seu lugar de honra como início e fim da tarefa teológica. Com Moltmann, a igreja é chamada a participar do futuro e não esperá-lo como povo que observa passivamente os acontecimentos históricos, pelo contrário, a igreja tem a chave da história porque a ela lhe foi mostrada o que será o futuro a partir da ressurreição de Jesus e suas promessas.

Com uma *teologia herdada* do pragmatismo metódico da América do Norte, a igreja encontra dificuldades em assimilar que ela mesma é a responsável por um futuro melhor. Para alguns, isso soa até como heresia: dizer que a igreja antecipa o futuro por meio do agenciamento do Reino de Deus.

*O mundo ainda não está acabado, nem pronto, mas somente deve ser entendido como algo que está em processo histórico. É, portanto, um mundo do possível, em que se pode estar a serviço da futura verdade, da justiça e da paz prometida.*

Jürgen Moltmann

## Referências Bibliográficas

ERICKSON, J. Millard. *Opções Contemporâneas na Escatologia*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. 2ª ed. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Teológica, 2003.

MONDIN, Battista. *Os Grandes Teólogos do Século Vinte: os teólogos protestantes e ortodoxos*. 2ª ed. Trad. José Fernandes. São Paulo: Paulinas, 1979-1980, vol. 2 (Col. Teologia Hoje).

\_\_\_\_\_. *Curso de Filosofia: os filósofos ocidentais*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1981-1983, vol. 3 (Col. Filosofia).

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006, vol. 6 (Col. Filosofia).